

Sem o Congresso

não há solução



mesmo antes da fala do presidente Fernando Collor pela televisão o destino do seu governo parecia selado. Ainda que o pagamento das contas da Casa da Dinda possa ser corretamente explicado, o envolvimento de PC Farias com a intimidade do sistema no poder emerge de todos e de cada um dos pormenores que vinculam pessoas e comportamentos a uma comparsaria desonrosa a tal ponto que parecia impossível, depois dos trabalhos da CPI, que tal governo perdurasse com o mínimo de confiabilidade.

Parece um erro esperar dos militares que favoreçam essa ou aquela solução. A legalidade democrática é definida pela Constituição e pelo Congresso que representa a soberania popular. Em caso de renúncia ou de *impeachment* a solução constitucional seria a posse do vice-presidente da República e somente uma decisão política do Congresso poderá dar um desfecho diferente alterando os mecanismos institucionais: a mudança do sistema de governo poderia ser uma alternativa.

Os atores e personagens em jogo devem ter na cabeça que, com a saída de Collor, trata-se de instalar um novo governo e não exatamente a continuação daquele que emergiu das eleições diretas de 1989. Para formar o novo governo, o vice-presidente Itamar Franco deveria somar à legitimidade dos seus títulos a negociação política. A nação quer que se restaure a normalidade administrativa e a estabilidade política. Sem que componha em torno do seu comando um consenso parlamentar e partidário dificilmente Itamar Franco teria condições de retirar o país da crise e conduzi-lo a uma conciliação na qual sobrevivam as estratégias de entrosamento da economia brasileira com a economia internacional.

Por isso mesmo Itamar Franco deveria estar com os ouvidos voltados não para os quartéis, como insinuam algumas notícias, mas para seus antigos companheiros do Congresso e para a comunidade política com a qual convive há mais de vinte anos. Num país como o nosso nenhum governante terá condições de impor idéias pessoais que não se ajustem a um processo geral de mobilização da vontade do país para alcançar metas que nem sempre são os políticos que definem.

A saída passa por aí.

O segundo governo de Getúlio Vargas caiu pela evidência da responsabilidade do seu irmão Benjamin na criação nos porões do palácio de uma guarda pretoriana cujos agentes eram incapazes de distinguir os limites das operações de proteção e defesa e se tornaram autores de ações criminosas. Collor está sendo aluído pelas denúncias do próprio irmão Pedro e pelas indicações de que sua intimidade compartilhava de favores incompatíveis com a conduta de uma *entourage* governamental.

Esse desastre ocorre no momento em que o governo, recomposto segundo padrões de competência adequados, operava sob excelente expectativa nacional. O Congresso, em cujas bancadas o presidente não dispunha de maioria, tem se alinhado no exame, estudo e votação de projetos prioritários que viabilizam as diretrizes de governo notadamente na área econômica. E, através de uma CPI que tem sabido superar radicalismos, firma-se como o poder fiscalizador do governo e apto a velar pelo funcionamento das instituições.

Ao longo dessa crise o Congresso cresceu e afirmou-se e hoje o desfecho depende basicamente das suas decisões. Suas lideranças percebem que o processo de *impeachment*, por exemplo, somente pode ter curso como etapa para provocar uma solução de consenso que abrevie o caminho de retorno à estabilidade. O desfecho poderá passar por esse processo mas terá de ser concluído independentemente do tempo de espera que ele impõe.

A renúncia do presidente vem sendo pedida por diversos setores da sociedade. Sua efetivação, no entanto, será um ato pessoal a ser tomado, ou

Conte-me

histórias do Brasil

O poeta e diplomata Raul Bopp passou grande parte da sua vida no exterior. Ele escreveu um dia que, no seu exílio oficial, distraía a família contando histórias do país. Um

País renasce

Um otimista, o depu-

dos seus filhos costumava enroscar-se no seu regaço e pedia-lhe: "Papai, conte-me histórias do Brasil."

O ex-presidente José Sarney está assim. Liga para os amigos e pede: "Conte-me histórias do Brasil."

tado Israel Pinheiro Filho, para quem o país renasce.

Carlos Castello Branco